

ARTIGO

CULTURAS JUVENIS ASSEMBLEIANAS

Daniela Medeiros de Azevedo Prates*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL) - RS, Brasil

Elisabete Maria Garbin**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre - RS, Brasil

RESUMO: O presente artigo analisa a constituição de sujeitos-jovens assembleianos na contemporaneidade, ancorando-se nos referenciais teórico-metodológicos dos Estudos Culturais em Educação, dos estudos sociológicos e antropológicos sobre juventudes e religião. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se mediante a inserção etnográfica junto a jovens da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, Brasil, entre os anos de 2011 e 2012, bem como na comunidade assembleiana de Lisboa, Portugal, em 2013. Infere-se que há reconfigurações na constituição dos sujeitos na contemporaneidade, percebidas nas formas de pertencimento e nos sentidos de vivenciar a condição de ser evangélico, o que não remete a formas de resistência juvenil, mas a novos modos de existência evocados pela condição de ser/estar jovem, afinal, ao mesmo tempo que buscam se manter portadores da promessa de salvação, os jovens ensejam ser portadores da condição juvenil.

Palavras-chave: Assembleia de Deus. Educação. Estudos Culturais. Jovens. Religião.

JUVENILE CULTURES OF ASSEMBLIES OF GOD CHURCH

ABSTRACT: This article analyzes the constitution of the young at Assemblies of God church in contemporary world, based on theoretical and methodological references of Cultural Studies in Education and sociological and anthropological studies in youth and religion. The research methodology

*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (estágio doutoral na Universidade de Lisboa CAPES/PDSE, processo 13729-12-8). Professora de Sociologia no Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), docente nos cursos técnico-integrado, no Curso de Especialização Lato Sensu em Educação e Contemporaneidade e no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Trabalho e Tecnologias (IFSUL/CNPq), pesquisadora sobre juventudes, religião e educação. E-mail: <danielaprates@charqueadas.ifsul.edu.br > .

**Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no Departamento de Ensino e Currículo na Faculdade de Educação na UFRGS, coordenadora e docente no Curso de Especialização Lato Sensu Estudos Culturais e os Currículos Escolares Contemporâneos na Educação Básica. Pesquisadora sobre juventudes e educação. E-mail: <bethegarbin1409@gmail.com > .

has consisted of the ethnographical insertion next to the youth of Evangelical Assemblies of God church in Novo Hamburgo, Brazil, in 2011 and 2012, and in Lisbon, Portugal, in 2013. It infers that there are reconfigurations in the ways of the constitution of subjects in contemporary world, perceived in the ways of belonging and experiencing the condition of being evangelical. This fact does not remit the ways of juvenile resistance, but new ways of existence evoked by the condition of being young, since the young aim to live according to their juvenile condition and, at the same time, to keep on being carriers of the salvation promise.

Keywords: Assemblies of God. Cultural Studies. Education. Religion. Young.

SITUANDO A PESQUISA

O presente artigo objetiva analisar a constituição de juventudes evangélicas, particularmente de sujeitos-jovens assembleianos na contemporaneidade. Alinha-se aos referenciais dos Estudos Culturais em Educação em articulação às contribuições dos estudos sobre juventudes.

É importante desde já ressaltar que a escolha dos Estudos Culturais visa à disposição de diferentes ferramentas metodológicas e conceituais para análise. Ou seja, por se tratar de campo que não se atém aos limites disciplinares, os Estudos Culturais apropriam-se de metodologias e procedimentos que não lhes são próprios, embora se reconheça que a articulação de diferentes campos de saber não seja uma garantia de solução, afinal se estará transitando por trilhas desconhecidas, que necessitam de autorizações e de grande empreendimento teórico para desconstruir alguns entendimentos do pensamento moderno (WORTMANN, 2005).

Nessa perspectiva, distanciamos-nos de outras possíveis análises que concebem a linguagem como essência ou forma de representação, a partir da *virada linguística*, passamos a compreendê-la como instituidora, criando e dando sentido às coisas e à nossa experiência. Portanto, implicando conceber de outra forma o conhecimento, não como algo natural, intrinsecamente lógico e objetivo, mas como produto de discursos em que perpassam relações de poder. Nesse sentido, as análises das culturas – centrais para os Estudos Culturais – são interpretações que não representam a realidade, mas a produzem discursivamente.

A esse respeito, buscamos aproximação à noção desenvolvida por Foucault (1996) sobre discursos enquanto práticas organizadoras que, muito além de utilizar os signos para designar a realidade, constituem-na por meio da linguagem, produzindo objetos, formas, condutas, definindo e delimitando o que é ou não adequado, dando sentido às nossas vidas e ao mundo (WORTMANN, 2005; VEIGA-NETO, 2004).

A partir da perspectiva de que as palavras não andam soltas no mundo a fim de se referirem aos objetos, mas o constroem na medida em que o selecionam, classificam e nomeiam, argumentamos que juventude *não é apenas uma palavra*, como considera Bourdieu (1990) ao se referir ao caráter simbólico da juventude,¹ mas invenção, uma categorização de sujeito constituída a partir de determinadas contingências e vindo a diferir-se de jovens, uma categoria empírica presente em todas as formações sociais. Corroboramos com Margulis e Urresti (1996) ao afirmar que *a juventude é mais que uma palavra*, é uma condição relacionada à construção histórica, econômica, social e cultural em que se imbricam aspectos como idade, geração, classes sociais, instituições, gênero.

Conforme argumenta Pais (2003) a esse respeito, isso não significa que a juventude nunca houvesse existido, havia certas noções de juventude voltadas aos ciclos vitais, às fases da vida, relacionadas aos contextos sociais de cada época. A noção de juventude assumiu consistência social quando passou a se verificar um prolongamento entre a infância e a vida adulta, dessa forma, tornando-se alvo de preocupações entre educadores e reformistas nos séculos passados.

A juventude passou a ser reconhecida como condição social no final do século XIX, com a expansão industrial e o processo de urbanização. Assumiu visibilidade, sobremaneira a partir do pós-guerra, com a universalização dos direitos humanos, que propiciou a legitimação dos direitos dos jovens, tornando-os sujeitos de direito. Tratou-se de um período marcado pelo crescimento populacional e a necessidade de restabelecer o equilíbrio entre emprego e produção, propiciando um período de espera para o ingresso ao mundo do trabalho por meio de instituições educativas. Assim, houve a ampliação da permanência dos jovens em instituições escolares que, pela primeira vez, se converteram num centro da vida social. Concomitantemente, houve a difusão dos meios de comunicação e o advento da indústria cultural, que passaram a interpelá-los como sujeitos de consumo (ABRAMO, 2007; REGUILLO, 2003; FEIXA, 2004).

Ainda que não seja objeto deste artigo o debate sobre a emergência da categoria juventude, é fundamental compreendermos que há diferentes condições de viver (ou não) referido tempo de espera. Para tanto, apropriamo-nos do conceito de “condição juvenil” proposto por Dayrell (2007) a partir da palavra em latim *conditio*, cujo significado remete à maneira de ser, situação perante a vida e a sociedade, conforme as circunstâncias que a perpassam. A aproximação ao conceito permite reconhecermos e operacionalizarmos um duplo movimento na análise de condição juvenil. Por um lado, percebendo os modos pelos quais

cada sociedade atribui significados no contexto de uma dimensão histórico-geracional; por outro, analisando as diferentes condições em que são vivenciadas, tendo em vista as diferenças sociais.

Portanto, diferentes condições, como classe, lugar onde se vive, gerações a que pertencem e a própria diversidade cultural perpassam os modos de ser/estar jovem, impossibilitando falarmos de juventude única, como ressaltam Margulis e Urresti (1998), mas sim tratarmos de *juventudes* – no plural, assumindo a posição de que se trata de categoria complexa e heterogênea, embora entendamos que o uso do “s” não seja garantia de evitar simplificações e esquematismos, como considera Velho (2006). Logo, há múltiplas maneiras de *ser e estar* jovem, considerando as diversas possibilidades que se apresentam nos planos econômico, social, político e cultural (GARBIN, 2003, 2006; GARBIN; AZEVEDO; DALMORO, 2013).

Entre as múltiplas formas de ser/estar jovem presentes na contemporaneidade, este artigo volta-se para a articulação de discussão ainda emergente: as temáticas juventude e religião, particularmente se focando no segmento evangélico, mediante a pesquisa realizada na igreja Assembleia de Deus. A esse respeito, cumpre ressaltar que o surgimento do segmento no país remonta o final do século XIX. No entanto, as pesquisas sobre a temática eram escassas até a década de 1980, sobretudo no campo educacional (SPÓSITO, 2002, 2009).

Desde então tem sido crescente o interesse acadêmico, diante da visibilidade pública que assumem os evangélicos com o expressivo aumento do número de fiéis,² a forte inserção política e midiática de algumas denominações e as significativas mudanças e tensões geradas no campo religioso. Apesar da visibilidade, a pluralidade de divisões internas geradas por rearticulações e cismas torna ainda mais complexa a discussão, gerando compreensões e delimitações no campo de estudos que necessitam ser brevemente esclarecidas.

Consideramos necessário apontar a relação do campo religioso com os processos de imigração no Brasil com forte influência do catolicismo como religião oficial até a Proclamação da República, particularmente da primeira Constituição em 1891, que conferiu o caráter laico ao Estado. Até então, os protestantes que se inseriram no país, desde a chegada dos primeiros imigrantes – como é o caso do *protestantismo de imigração* ou *evangélicos históricos*, ligados às vertentes protestantes do luteranismo e calvinismo –, não tinham reconhecimento e poder de livre culto.

Posteriormente foram enviados missionários do exterior com a missão de evangelização, como exemplos, as igrejas Congregacional,

Presbiteriana e Batista. A partir do movimento de renovação do protestantismo articulado ao papel evangelizador e missionário, surgiu o *protestantismo de missão* ou o pentecostalismo no Brasil.

Grosso modo, o pentecostalismo é um movimento que tem origem norte-americana, diferenciando-se pelo chamado batismo no Espírito Santo, que concretizou experiência rápida e disponível a todos e produziu a separação de vários grupos, entre os quais, surgiu o pentecostalismo.

Brandão (1986) explica que há a construção de um ideal sobre o pentecostalismo marcado em três tempos: passado, presente e futuro. A igreja do presente teria a origem histórica na promessa de Cristo para aqueles que ficaram em Jerusalém, a chamada *Igreja Primitiva*. Acreditam que no *fim dos tempos* haverá o recolhimento dos eleitos, daqueles que creem, os *crentes*, que formarão a *Igreja de Cristo*. Partilham a espera de Cristo pela segunda vez e acreditam que são empoderados pelos dons do Espírito Santo, atribuindo à sua ação a solução dos infortúnios. Condenam os prazeres do mundo e, em algumas igrejas, buscam se distinguir socialmente mediante vestimentas. Embora haja especificidades nas ênfases doutrinárias e nas regras de comportamento, cada *crente* é um evangelizador, um militante que deve propagar a sua fé (NOVAES, 2001, grifo nosso).

Freston (1994), Oro (1998) e Mariano (2004) situam o surgimento do pentecostalismo brasileiro num panorama dividido em três momentos. Destacam o surgimento do *pentecostalismo clássico* – como é conhecido – por meio da presença de igrejas como a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911), cujo ponto doutrinal básico centra-se na *glossolalia* (poder atribuído ao Espírito Santo de falar em línguas estranhas) e no batismo do Espírito Santo. Inicialmente, marcadas pela condição minoritária, caracterizavam-se pelo sectarismo e ascetismo de rejeição a determinados padrões sociais considerados “mundanos”.

A partir da Cruzada Nacional de Evangelização, na década de 1950 e 1960, surgiram novas igrejas, a exemplo de: Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964). Tais denominações marcaram o segundo momento do pentecostalismo no país. Também conhecidos como *deuteropentecostais*, foram responsáveis pela renovação dos rituais à religiosidade presentes no catolicismo e nos cultos afro-brasileiros (candomblé e umbanda), enfatizando os rituais de cura e resolução de infortúnios (ORO, 1998). Além da cura, utilizaram como estratégia proselitista o uso da rádio, a pregação itinerante e o emprego de tendas de lona (MARIANO, 2004).

Na segunda metade da década de 1970, surgiu a tendência de uma ampla rede transnacional de igrejas atrelando as fortes bases econômicas à posse e ao uso dos meios de comunicação. Também chamada de *neopentecostalismo*, tem sido conhecida como maior fenômeno de expansionismo no campo religioso brasileiro. Apresenta como características a liberalização dos costumes e câmbio nos critérios de santidade propostos pela tradição pentecostal. Caracteriza-se por enfatizar a *teologia da prosperidade*, a cura divina, o exorcismo e a expressividade religiosa, vindo a combinar os traços teológicos e rituais a uma extensa organização administrativa e burocrática (FRESTON, 1994; ORO, 1998). Tem como principais denominações a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Internacional da Graça de Deus (1980), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e Renascer em Cristo (1986).

Ao longo desse processo e articulado a aspectos contingenciais, há um forte movimento de missionação no campo religioso que não se restringe ao Brasil e vem apresentando reconfigurações em diversas denominações e nos seus modos de atuação na busca de “novas almas”. Referido fenômeno se visibiliza na forma como passam a ocupar o espaço público para fins proselitistas e políticos ou ainda como diversas igrejas direcionam à juventude suas atenções (JUNGBLUT, 2000; BLANES, 2008).

Entre outras possíveis discussões, a presente análise objetiva problematizar os modos pelos quais se constituem sujeitos-jovens pertencentes à Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Para tanto, foram realizadas inserções etnográficas junto a jovens da igreja no município de Novo Hamburgo, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, entre os anos de 2011 e 2012, tendo seu desdobramento no contexto português junto à comunidade assembleiana de Lisboa, no ano de 2013, buscando-se compreender aproximações e deslocamentos nos modos de constituição desses sujeitos entre os dois países. A respeito dos aspectos éticos envolvidos na pesquisa, ressaltamos a plena observação a procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas, inclusive ao que se refere ao consentimento livre e informado e resguardo quanto à identidade.

Foram realizadas observações-participantes em espaços institucionais com forte investimento sobre jovens/dos próprios jovens, como congressos, encontros de louvor e oração, cultos e demais espaços de estudos, a exemplo das Escolas Bíblicas Dominicais. Na estreita relação entre a constituição do sujeito e do sujeito na constituição de si, foi mister buscar aproximações aos modos pelos quais se experimenta e vivencia a condição juvenil, perpassada por uma série de investimentos de diferentes

âmbitos, inclusive religiosos, que, excetuando-se especificidades denominacionais, evocam um pertencimento comum: ser evangélico, embora haja diferentes parâmetros sobre essa condição.³

Assim, as análises incidem sobre dois eixos centrais que operam mediante espaços e práticas educacionais e se constituem como fio condutor da trama analítica, a saber: os investimentos institucionais da igreja e da família na orientação de determinados modos de viver e se constituir como sujeito imbricado à crença, permitindo perceber relações que operam sobre o sujeito, assumindo como foco o caráter educacional presente desde sua inserção na crença. Concomitantemente, têm-se os investimentos dos próprios sujeitos sobre si, interpelados pela crença e outras formas de experimentar a condição de ser/estar jovem presentes em tempos de fluidez e provisoriedade.

Consideramos produtora, para fins de organização das análises, partirmos das narrativas dos próprios sujeitos sobre suas trajetórias de inserção à crença que, resguardadas suas especificidades, partem das seguintes condições: *crescer no Evangelho*, para aqueles que cresceram em famílias evangélicas, ou se *converter*, no caso de jovens que se inseriram na igreja ao longo de sua vida. Tais trajetórias ressaltam investimentos institucionais sobre a constituição do sujeito e do sujeito sobre si na busca de denominada “promessa de salvação”. Nesse sentido, passam a operar a partir de determinados discursos e práticas para condução de si em conformidade aos padrões éticos e morais a fim de se manterem dignos de tal promessa ou, como é possível afirmar, mantendo-se *portadores da promessa de salvação*.

Por outro lado, são jovens, partilham experiências e marcadores culturais de sua geração, perpassados pelas diferentes formas de viver ou não a condição juvenil, considerando tanto as desiguais condições sociais para experimentar esse tempo de espera como tensões vivenciadas pelo pertencimento religioso. Nesse sentido, utilizamos a expressão *portadores da condição juvenil* para ressaltar devidamente como os jovens que compartilham modos de existência imbricados à crença evocam a condição de ser/estar jovem contemporaneamente.

CONSTITUINDO SUJEITOS-JOVENS ASSEMBLEIANOS

O irromper do nascimento está cercado por variados discursos e práticas de diversas instâncias que tem por objetivo educar. Educação é termo que advém do latim *educ*, que significa conduzir, guiar, colocar e articula-se ao sufixo *actio* conferindo-lhe o sentido de ação, direção, processo, conforme explica Veiga-Neto (2004). A educação está presente em diferentes momentos e espaços

sociais, é anterior à emergência e à legitimação da educação no espaço escolar e está presente na família, igreja, amizades, mídias, formas de lazer, relações com a cidade e modos de habitar o tempo e o espaço. Diferentes instâncias educam, e talvez esse seja um dos grandes desafios na contemporaneidade.

Vivemos num contexto caracterizado pelas significativas mudanças nas relações sociais, modos de afeto, laços matrimoniais, formas de organização da família, modos como se educam os filhos e como estes se relacionam com o mundo adulto. Vivemos o esmaecimento de percepções sobre tempo e espaço, que já resultou em profundas mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas e geográficas ocorridas na Europa desde a passagem da Era Medieval para Moderna – impactos na vida cotidiana. “Os espaços idealmente bem fronteirizados da Modernidade deram lugar à dissolução de fronteiras” (BUJES, 2012).

E não se trata apenas do “esmaecimento” das fronteiras políticas, nacionais, geográficas, mas também do “borramento” das separações construídas idealmente entre adultos, jovens e crianças. Em tempos de acesso quase que ilimitado à informação, a concepção de assimetria entre o mundo adulto e dos mais jovens – a qual sustenta seu papel na condução destes a um estado de autonomia – parece perder a ênfase, passando a colocar sobre os próprios indivíduos a tarefa constante de educar. É esse o resultado de uma ruptura radical nas formas de significar e usar o tempo e o espaço; emergem fenômenos inabituais, insólitos, e não por acaso se produzem novas formas de exercício e relações de poder por meio das quais vemos os jovens assumirem papéis e reivindicarem “agendas” sobre o que desejam para conduzirem eles próprios as suas vidas (BUJES, 2012; VEIGA-NETO, 2002; PAIS, 2003).

Nessas condições, produzem-se reconfigurações no âmbito religioso, que não são imunes aos descompassos entre a sociedade do presente e a igreja do passado. As religiões se rearticulam, dialogam com essa superfície do presente, mais ainda: se produzem nessas contingências, afinal, a igreja – como qualquer instituição ou sujeitos – não está fora do lugar em sua relação com a sociedade.

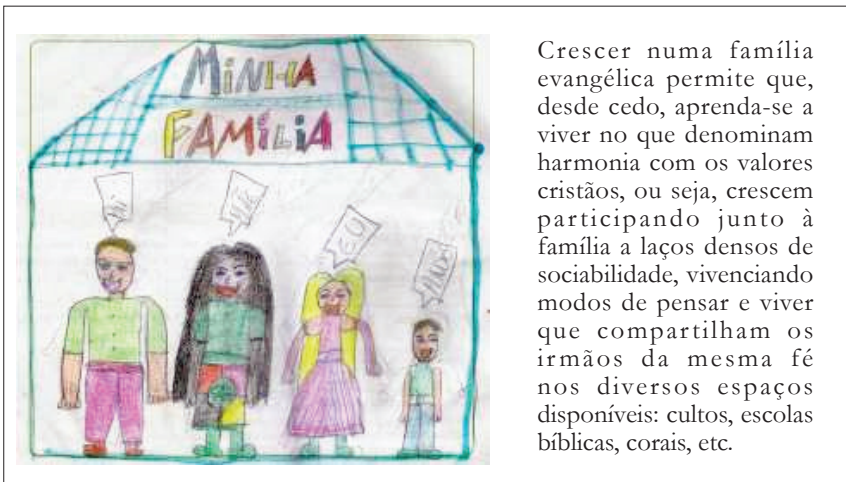
É nessa direção que concebemos as discussões desenvolvidas sobre o lugar da religião na sociedade: produzindo-se nas condições do presente, nas contingências de nossa época, rearticulando discursos, reconfigurando suas grandes narrativas às pequenas narrativas individuais (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Assim, os diferentes espaços religiosos que compõem a pesquisa são concebidos como espaços de educação, condução, que visam à orientação de todos e cada um naquilo que se considera verdade,

recorrentemente evocada pela Palavra, em virtude da forte ênfase dos assembleianos na cultura bíblica. Nesses espaços, percebemos a circulação de grandes narrativas que evocam ora uma suposta identidade única, fixa, vinculada ao mito de uma “igreja primitiva” e sua imbricação a uma igreja centenária, ora um sentimento de comunidade que procura fortalecer os laços que os unem – discussão sempre proferida do mundo adulto. Assim, passamos a perceber como tais narrativas vêm se articulando às pequenas narrativas e que pistas fornecem para a constituição de sujeitos-jovens assembleianos, o que se tratou a partir das narrativas de suas próprias trajetórias.

Crescendo no Evangelho

FIGURA 1 – Desenho de Fabiana inscrito na *Revista Juniores* (2007)⁴



Fonte: Acervo pessoal. Excerto extraído do diário de campo, 23/08/2011.5

Expressões como “jovens que cresceram no Evangelho”, “cresceram em Cristo” ou “cresceram nos bancos das Escolas Bíblicas Dominicais” são recorrentes no âmbito religioso e fazem alusão aos jovens que cresceram em lares evangélicos compartilhando experiências em espaços educacionais que potencializam a vivência na fé, permitindo crescer e aprender sobre a Palavra, elemento central em religiões de forte ênfase bíblica.

“Crescer em Cristo” expressa trajetória de crescimento espiritual ao longo da vida e comparada ao crescimento de uma planta, conforme descrevem as lições dominicais destinadas às crianças. A analogia remete à ideia de que o crescimento daquele

que nasce numa família assembleiana começa quando ainda é uma “sementinha”, o que determina um ponto inicial mediante o qual a família assume o compromisso em oferecer cuidados com intuito de que essa semente se desenvolva espiritualmente por meio da busca da Palavra, da obediência à vontade divina e do exercício de sua fé, para que “cresça e dê bons frutos”, conforme acreditam.

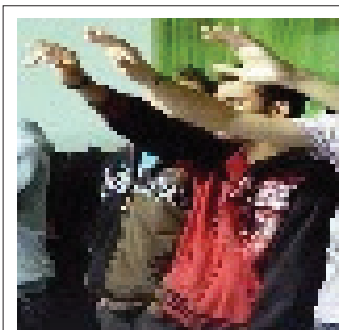
Nesse percurso, um dos primeiros passos da família após o nascimento de novo membro é o que denominam “apresentação ao Senhor”, o que não se configura como batismo, já que, para as denominações evangélicas, o batismo bíblico é um ato voluntário e requerido pelo próprio indivíduo quando tem discernimento do que significa essa nova etapa para sua vida. Trata-se de um ritual de iniciação à comunidade, uma forma de reafirmar os valores da religião e de mantê-los vivos na memória do grupo, confirmando o compromisso já firmado pelos pais diante da comunidade e reificando seu comprometimento para instruir a criança na religião (PRATES, 2014).

Corroboramos com Alves (2009) ao considerar que a articulação família e igreja procura assegurar determinado modo de condução que possibilite formar o jovem crente de acordo com as exigências da crença, desde o modo de falar, vestir, interagir. Espera-se que esse jovem criado no Evangelho percorra o caminho da família de livre aceitação da fé. Para tanto, disponibiliza-se uma série de investimentos em sua trajetória na igreja, desde a apresentação ao Senhor, estendendo-se ao longo dos anos em espaços de educação cristã, especialmente o espaço semanal da Escola Dominical. Isso deve culminar na confirmação da fé com o batismo nas águas, ponto de viragem, de convergência entre as trajetórias dos que cresceram desde pequenos na igreja e aqueles que se converteram mais tarde.⁶

Como consequência, há a necessidade de visibilizar uma vida nova a partir do que consideram ser o renascimento espiritual, o que significa assumir responsabilidade perante a crença para que possam “crescer e dar bons frutos”. “Crescer e dar bons frutos” pode apresentar muitos sentidos tanto aos jovens como aos adultos: mostrar obediência aos padrões éticos e morais da crença, frequentar os espaços religiosos, colocar em exercício práticas de invocação à Palavra (oração, louvor, leitura, meditação e pregação), visibilizar a ação divina no seu modo de vivenciar a fé na igreja, no seu cotidiano e nos seus relacionamentos, casar e formar família, incentivar para que mais pessoas conheçam a igreja. Enfim, ter uma vida voltada a Cristo, conforme denominam.

Convertendo-se em Cristo

FIGURA 2 – Convertendo-se em Cristo



Jesus disse: “Antes de te conhecer, eu te escolhi”. Ele te escolheu quando ainda estava no ventre da tua mãe – afirma o preletor do congresso de jovens de 2011. Ele te escolheu e não vai desistir de ti, ele tem um projeto para tua vida. E quando Ele escolhe, ele espreme, ele constrange, até que você entenda: não tem como fugir.

Fonte: Acervo pessoal. Excerto extraído do diário de campo, 18/10/2011.

A *conversão* é outra trajetória possível de inserção à crença para aqueles que não cresceram em famílias evangélicas, para os “escolhidos”, conforme tratado na sessão introdutória, e possui relação à ordem máxima: “Ide e pregai o Evangelho”. Trata-se de trajetórias marcadas pelo projeto de missionação e que marcam o próprio surgimento e crescimento da igreja.

A Assembleia de Deus tem sua presença marcada há 73 anos no bairro Canudos (Novo Hamburgo), embora sua emancipação eclesíastica da sede em São Leopoldo tenha ocorrido somente em 1984. Tem sua história relacionada ao próprio crescimento populacional do bairro num período de circulação de discursos que vinculavam a região a “uma terra de oportunidades”, no auge da exportação coureiro-calçadista na década de 1980, a qual impulsionou forte movimento migratório, sobretudo ao redor das fábricas. Seguindo o padrão de crescimento e expansão assembleiano, sua trajetória é narrada pela chegada de um *irmão* que passa a propagar a Palavra. Inicialmente, os primeiros convertidos reúnem-se nos próprios espaços domésticos, até que o crescimento do número de fiéis implique na necessidade de espaço próprio para cultos mobilizando esforços da comunidade para locação ou construção de templo (PRATES, 2014).

Mafra (2002) explica essa dinâmica da Assembleia de Deus como característica da primeira onda do pentecostalismo no Brasil, apresentando, desde então, claro projeto missiológico e capacidade inusitada de enraizamento, crescimento e expansão social. Isso porque potencializa em cada fiel a missão de difundir a Palavra. Como argumenta

Alves (2009), a denominação maximizou a tendência batista de tornar cada membro um missionário ao conceber todo o converso como potencial obreiro, o que favorece o rápido acesso aos diferentes estratos sociais, já que, além de não requerer clero altamente especializado, não se fundamenta necessariamente em ação planejada de difusão.

Trata-se de estratégia eficaz para expansão da igreja e que se apresenta entre gerações precedentes aos jovens do campo de Canudos, correspondendo muitas vezes às trajetórias de conversão de seus pais e avós, tendo em vista que muitos daqueles já cresceram em famílias evangélicas.

No desdobramento da pesquisa junto a jovens da igreja Assembleia de Deus de Sete Rios em Lisboa, Portugal, é possível perceber que suas narrativas trazem marcas da trajetória de imigração de suas famílias, majoritariamente angolanos, que há cerca de duas gerações buscam no país melhores condições de vida. Ainda que haja igrejas mais próximas às suas residências, vemos se formar em torno dessa congregação uma reunião de fiéis que compartilham mais do que a fé, encontram na igreja espaço de reconhecimento de sua história e cultura.

As trajetórias de conversão dessas diferentes gerações e locais de pesquisa, excetuando-se especificidades, apresentam a mesma estrutura narrativa. Referimo-nos à narrativa que versa sobre rompimento aparentemente abrupto entre o passado e o presente da conversão, que muitas vezes articula a inserção na crença com a resolução de problemas pessoais e familiares – desde pequenos infortúnios do cotidiano, dívidas, desemprego, doenças e o que denominam “vícios”, referindo-se a condutas inconsistentes com valores da crença, inclusive uso de substâncias psicoativas, a exemplo da ingestão de bebidas alcoólicas. Essa lógica de resolução dos problemas que afetam o cotidiano também é visibilizada nas narrativas dos jovens que cresceram no Evangelho e, por algum período, se distanciaram da igreja, passando a ser reconhecidos como “desviantes”.⁷

[...] eu era um traficante e fui ungido pelo Espírito; [...] nunca usei drogas, mas vivia na promiscuidade; [...] vi minha mãe desenganada no hospital e tomei a decisão do batismo; [...] na verdade eu cresci na igreja e me desviei. Mas o Senhor é misericordioso e ele me viu perder todo o meu orgulho, lá na frente da minha mãe, ajoelhado, eu me humilhei e [em lágrimas] perdi perdão. (Excerto extraído do diário de campo, Canudos – Novo Hamburgo, 2011.)

A narrativa do jovem proferida ao longo da tarde de louvor no

campo de Canudos ressalta o poder do Espírito Santo em sua vida, tornando públicos percursos que dificilmente seriam narrados em outras circunstâncias, mas compartilhados com recorrência nos espaços assembleianos. Por que essas experiências são enaltecidas em suas narrativas quando seriam facilmente silenciadas em outros espaços?

Compreendemos que as experiências pessoais com a crença são compartilhadas nos espaços dos cultos, evangelizações, estudos bíblicos e conversas informais porque assumem a função ritual no contexto religioso, ordenando acontecimentos e reafirmando valores ao grupo, o que denominam “testemunho”. Trata-se de importante ritual cuja narrativa inscreve um passado desviante que, após algum infortúnio, rompeu-se, levando o sujeito ao nascimento espiritual, à conversão (ORO, 1998). Há a experiência de um passado hierarquicamente inferior ao presente, por meio de aparente ruptura existente na fala que se configura na ordem: profano e sagrado. É justamente nessa configuração no testemunho que se manifesta publicamente o poder conferido ao Espírito Santo: quanto maior o problema solucionado, maior o poder conferido ao Espírito Santo.

É notório que a igreja se torna, para muitos anônimos que perambulam pelos espaços da cidade, lugar onde sua existência é reconhecida, onde não há necessidade imediata de se provar o direito de estar lá. Cria-se um acolhimento, um sentimento de irmandade pela qual a reciprocidade daquilo que se doa e se recebe vai além de objetos, conforme Pais (2006): compartilham-se sentimentos, experiências, símbolos e devoções.

Consideramos que esse sentimento de irmandade produzido pela rede de sociabilidade aproxima não convertidos à experiência religiosa, o que não se restringe a situações de angústia, solidão e desamparo.

Muitas vezes, esse sentimento vincula-se à influência de familiares ou amigos para inserção na crença, como corrobora a narrativa de Éder, cuja convivência e admiração ao primo assembleiano o aproximou da igreja, culminando em sua participação no campo bíblico. Trata-se de espaço criado semestralmente pela igreja, geralmente nas férias escolares, cujo objetivo incide na conversão de “novas almas” e avivamento de jovens da igreja.

FIGURA 3 – Campo bíblico



Eu fiquei impressionado, eu via muitos jovens aqui, adolescentes adorar a Deus dessa maneira. Epa! Há um Deus que realmente transforma! E eu pensei em deixar-me levar ali mesmo e aceitei Jesus. Depois que vim do campo bíblico, nunca mais, bem apaguei as músicas do mundo todas do meu telemóvel [telefone celular], comecei a ouvir mais louvores, pesquisei mais. Tudo que é cristão comecei a ter em meu telemóvel e até agora fui transformado e dou graças a Deus. (Eder, 15 anos, Lisboa, 2013)

Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A igreja potencializa espaços de agregação voltados aos jovens que, independentemente dos espaços institucionalizados da crença, produzem formas de ser e estar juntos e imbricados nas marcas de sua geração. A igreja não se configura para eles como apenas um lugar de invocação à Palavra – de oração, louvor, leitura, meditação, pregação, de experiência com o Espírito Santo. Conforme descrevem as narrativas, é um lugar em que se produzem sociabilidades juvenis e busca de afetividades.

Corroboramos com Dayrell (2007) e Pais (2012) ao descreverem as sociabilidades juvenis a partir da vivência num tempo livre, de associação, no encontro com seus pares, nos espaços de efervescência, nas práticas cotidianas que escapam aos controles rígidos dos espaços institucionalizados. Trata-se de espaços de maior autonomia dos jovens que podem configurar amizades entre colegas na escola, até sua proximidade afetiva com amigos que constituem referências nos modos de pensar e viver o mundo. Essas amizades podem remeter a sentimentos comuns atrelados aos laços de vizinhança e sentimentos de pertença, podendo se estender a relações de amizades já existentes entre os seus pais ou as redes de amizades que se imbricam aos laços religiosos de irmandade.

Nessa direção, é possível perceber movimentos de aproximação aos jovens como a crescente presença de espaços destinados a esse público, como congressos, seminários, cultos, retiros, classes de estudos bíblicos, entre outros que criam investimentos para condução de jovens. Há a preocupação da articulação das interpretações bíblicas à linguagem, estilos e marcas juvenis, colocando em pauta suas relações com as novas tecnologias de comunicação e consumo, evidentemente imbricadas às orientações institucionais e especificidades congregacionais.⁸

Embora a Assembleia de Deus procure preservar os princípios éticos e morais que vem sendo sua marca desde sua constituição, uma série de deslocamentos podem ser apontados no que se refere a certa flexibilização diante dos costumes, o que evidentemente não a exime nem das críticas dos segmentos mais conservadores, nem mesmo das inúmeras estratégias construídas por parcelas de jovens para serem *portadores da condição juvenil*.

FIGURA 4 – Que mundo é esse?

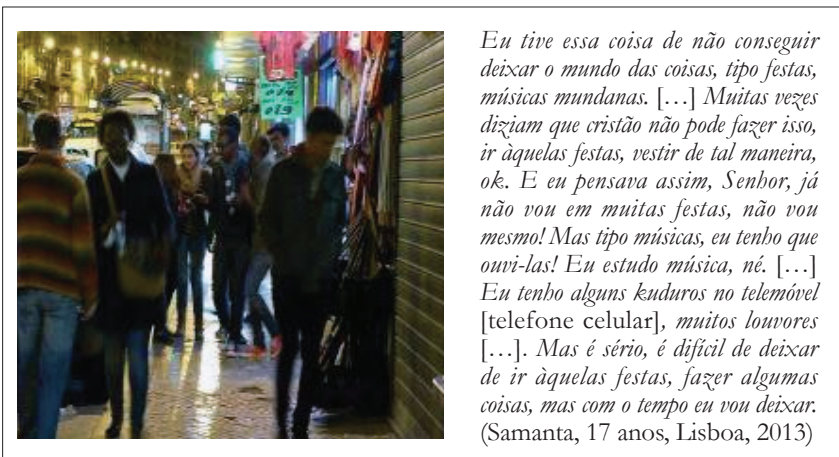


Fonte: Acervo pessoal, 2011 e 2012.

É importante salientar que a Assembleia de Deus no Brasil buscou distinguir-se socialmente mediante a ênfase em prescrições sobre modos de se portar, inclusive em relação às vestimentas, conforme as interpretações das primeiras convenções nacionais que trataram sobre os chamados *usos e costumes* na década de 1930. Ao longo dos anos, ocorreram significativas mudanças na sociedade que se fizeram presentes também na igreja, criando tensões, percebidas na alteração das resoluções no ano de 1999, deliberadas pelo Conselho Consultivo da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. A alteração fundamenta-se na distinção entre os termos *costume* e *doutrina*. Parte do entendimento aponta os costumes terem origem histórica e cultural, portanto, são mutáveis conforme as contingências, o que permite maior flexibilização em relação aos chamados *usos e costumes*, que já assumiam diferentes orientações conforme a condução de cada pastorado para suas congregações. Por outro lado, reafirma-se que a doutrina tem origem divina, conferindo-lhe caráter atemporal e extensão a toda sociedade, portanto, verdade absoluta, imutável e inquestionável.

No caso português, não se fizeram presentes prerrogativas institucionais quanto às vestimentas. As narrativas dos jovens lisboetas recaem sobre outras tensões que perpassam as experiências juvenis e podem produzir afastamentos em relação à crença, por serem consideradas distintas dos padrões morais e éticos considerados indispensáveis para aqueles que buscam a salvação.

FIGURA 5 – Ser cristão



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Os assembleianos partem da concepção de que formam um povo eleito por Deus para viverem na Palavra e mediante a fé justificada na morte de Jesus Cristo, acreditam que seja possível alcançarem a salvação. Assim, há preocupações de se distinguirem socialmente de modos de viver considerados distantes dos preceitos bíblicos, ou como denominam: “mundanos”.

Em relação aos sentidos atribuídos à salvação, sobremaneira nas narrativas dos jovens, é fundamental ressaltar que a igreja contemporaneamente apresenta um duplo movimento de salvação. Por um lado, permanece presente e requerida a possibilidade de salvação no plano transcendente, na busca de salvação da alma. Por outro, as narrativas recorrentemente acentuam a resolução de problemas da ordem do cotidiano, no plano imanente, como a cura de doenças, resolução de adversidades afetivas, questões de ordem financeira, auxílio para passar numa prova. Enfim, a recorrente evocação do transcendente para resolução de questões da ordem cotidiana, do presente, parece apontar para o entendimento de que a constituição dos sujeitos-jovens no âmbito religioso não se “desencaixa” da sociedade atual, onde prevalece a lógica da *presentificação*.

Vamos lá galera! Itinerários de lazer e sociabilidades

Para aqueles que cresceram nos bancos das Escolas Bíblicas Dominicais, desde criança são inseridos em espaços de educação, condução e regulação de modos de viver pautados nos parâmetros da crença. Cresceram convivendo com demais irmãos da igreja, do seu bairro, por vezes, de sua própria escola, e compartilhando não apenas modos de viver a fé, mas experiências e tensões comuns à mesma geração. Portanto, os encontros de oração e adoração, cultos, congressos, classes bíblicas e demais eventos proporcionam não apenas uma experiência com a crença: se configuram espaços de sociabilidades. Trata-se de discursos e práticas comuns vivenciadas no âmbito religioso que proporcionam algo mais que a experiência individual com a fé, evocam mais que o sentimento de comunidade, criam laços de pertencimento e convivibilidade que podem se estender a laços de amizade.

É importante salientar que muitos jovens da pesquisa compartilham sentimentos de amizade há mais de uma década, remetendo a laços que se estendem desde a infância, sobremaneira para aqueles que cresceram nos bancos de uma Escola Bíblica Dominical. Para eles, as narrativas descrevem trajetórias que percorrem as brincadeiras pelo bairro estendendo-se aos vínculos de irmandade e amizade entre famílias, e ainda se inserem nos espaços escolares. Trazem consigo

marcas culturais nas linguagens, modos de vestir, se portar, pensar e se relacionar, inclusive com os espaços da cidade, por onde perpassam diferentes condições de viver esse tempo de espera, de se divertirem, de “matar o tempo”, de “ficar de boabeira”, conforme denominam.

Segundo Pais (2003), uma das principais atividades características das culturas juvenis é justamente esse “não fazer nada”, “matar o tempo” com amigos, conversar sobre assuntos do cotidiano, narrar histórias fantásticas, inusitadas, se divertir. Estarem juntos “matando o tempo” significa percorrer passos dispersos por becos e ruelas do bairro. Por vezes, deixando rastros sobre o chão de terra ou astuciosamente se deleitando pelo asfalto das ruas, irrompendo o trânsito, na melhor forma de “ficar por aí”, “de boabeira”, sem preocupação em se deixar atropelar pelo tempo, conforme ajuda a pensar Pais (2003).

A minha vida é de casa pra escola, de casa pro curso de desenho e depois pra casa direto. Terças eu vou no culto e no resto da semana fico em casa. [...] Faço trabalhos, fico no computador, vendo TV... Deito e descanso... Nas férias descanso mais. [...] Faço comida pro pai, quando a mãe trabalha. Durante a semana, não vou pra igreja, porque ficou muito longe de casa. Vou só nas terças, sábados e domingo. [...] Sábado pela manhã, eu durmo e não faço nada. À tarde e à noite, vou pra igreja. As sete, tem ensaio do coral, depois tem o culto que termina depois das dez... Depois fico na frente da igreja. Depois a gente vai pra algum lugar para comer, tipo no Antônio, no Corneto, no Nutrishake, Kiko. [...] A gente fica lá, come sorvete, cachorro-quente, ou come pizza na casa de alguém, vai na praça, conversa, caminha, fica de boabeira... (Valéria, 16 anos, Canudos – Novo Hamburgo, 2012)⁹

Vivenciar a condição juvenil limita-se recorrentemente às negociações familiares que resguardam maior ou menor autonomia sobre onde, quando e com quem sair. As famílias dos jovens tendem a se preocupar com as regras de conduta dos filhos, pautando-se por modelos educacionais fundamentados na defesa de valores considerados fundamentais e que foram a base de sua própria criação, estando ainda relacionados aos parâmetros da crença.

Como resultado, é possível observar a preocupação quanto à inviolabilidade do corpo, seja pelo medo da violência que assola as cidades, seja pelo assombro da imagem muitas vezes construída sobre a juventude, enquanto fase de rebeldia, experimentação de novas formas de afeto e sexualidade. Por outro lado, é notório o ensejo desses jovens em saírem junto aos seus amigos; para tanto, adotam diferentes estratégias de persuasão e convencimento dos pais, evitando confrontos diretos. É fato que alguns jovens acabam se beneficiando de conquistas anteriores de seus irmãos mais velhos, outros acabam por avançar sucessivamente de acordo com os ganhos já acumulados na busca de espaços de autonomia, num passo após o outro (PAIS, 2012).

A relação de negociação entre pais e filhos pode ser pensada, conforme denomina Pais (2012), como espécie de *jogo de cordas*. Os pais procuram mediar – em diversas concepções e formas – a saída do *casulo* de seus filhos, ou seja, das socializações familiares às socializações dos grupos de pares, numa relação em que nem sempre é fácil chegar a um ponto de equilíbrio, sobretudo quando os jovens insistem em *esticar a corda*. Então, surgem os maiores conflitos, quando a *corda parte* ou o *caldo entorna*, afirmam (PAIS, 2012, grifo nosso).

Na pesquisa, a conquista desses espaços de autonomia encontra-se fortemente marcada por questões etárias, de gênero e condições econômicas. Assim, é possível perceber que entre as jovens há maior vigilância sobre amizades, evitando-se determinados lugares e interditando-se determinadas experiências que possam denegrir a construção de imagem “casta”.

Lá em casa, somos três [irmãos]. Eu e minha irmã, e temos um irmão mais velho. A criação é diferente, sempre teve maiores cuidados porque a gente é menina, com quem vai, onde, que hora chega, meu pai ficava em cima. Com ele [irmão] já não era, vamos dizer, bem assim. Podia chegar mais tarde, as cobranças eram mais amenas. (Maria, 29 anos, Canudos – Novo Hamburgo, 2012)

Meu namoro não é um namoro particular, é um namoro para todo mundo, sabe. É muito difícil [ficarem a sós], só quando ele vai me pegar no serviço. (Ester, 20 anos, Canudos – Novo Hamburgo, 2012)

As vivências das jovens moças, por vezes, aparecem atreladas a prescrições, como passear acompanhadas um familiar mais velho ou de membro da igreja (comumente o líder do setor e sua noiva/esposa). As narrativas permitem afirmar que a maior preocupação se volta ao zelo pela integridade física e reputação, o que também é considerado um modo de propiciar um “bom partido” para o “mercado matrimonial”. Isso porque, para quem vive em lares assembleianos, o ensejo é que as relações matrimoniais se efetivem entre jovens que compartilhem os mesmos valores da igreja e tenham como firmamento o casamento.

Cumpramos ressaltar que a forte preocupação, sobremaneira com as jovens, frente aos relacionamentos afetivos e interdição às práticas sexuais encontra-se bastante presente nos discursos religiosos que buscam amparo nas interpretações bíblicas para difusão de seus preceitos (PRATES 2014), bem como tem sustentação no modo como historicamente as mulheres tiveram sua educação voltada exclusivamente ao casamento e maternidade, invisibilizando seu papel como sujeito mediante naturalização das diferenças (LOURO, 2016).

Essa invisibilidade a qual caracteriza a esfera do privado em que se fundia toda existência da mulher com a vida doméstica rompeu-se paulatinamente, na medida em que mulheres passaram a ocupar a esfera pública exercendo diferentes atividades fora do lar e romperam relações de domínio masculino (LOURO, 2016).

Ainda assim, persistem padrões, papéis de normatividade prescritos pela sociedade e ensinados por diferentes instâncias (escolas, quartéis, igrejas, famílias, amigos, mídias, etc.) que naturalizam os modos pelos quais devemos nos portar e posicionar conforme estereótipos de feminilidade e masculinidade, criando prescrições e interdições sobre os corpos, especialmente relacionadas à afetividade e sexualidade (MEYER, 2004; LOURO, 2016).¹⁰

Nessa direção, as experimentações como o “ficar” e a “pegação” recorrentemente presentes entre jovens, conforme descreve Almeida (2006), também se fizeram presentes em algumas narrativas assembleianas,¹¹ ainda que sejam práticas interdidas pela igreja. O que se reverbera em diferentes espaços de educação da instituição, especialmente destinados aos jovens, investindo-se para que assumam o que a igreja denomina “compromisso sério” em suas relações afetivas. Ou seja, tenham relações afetivas firmadas nos valores da crença, o que deve culminar no casamento, conforme é possível depreender na narrativa de Ester.

Eu e ele, a gente tem um namoro completamente diferente. Que nem o outro namorado, a gente começou completamente errado, a gente começou ficando. Depois, quando a gente começou a namorar em casa não deu certo, daí eu quis terminar, não durou nem um mês o namoro. Com esse, a gente já fez o namoro cristão certinho, sabe? A gente começou a conversar, conversando ficamos amigos. Depois, um dia, ele veio a demonstrar que gostava de mim. E eu sempre ali fechadinha, né. Não vou demonstrar nada para ele. Daí, um dia, lá em casa, a minha irmã mais velha chegou e começou a dar os “ar da graça” dela, sabe, e mandou um recado para ele do meu celular. Daí a gente começou a conversar para tipo começar a se conhecer para namorar, né. Porque namorados se tornam amigos, né, para ter alguma coisa mais séria. Daí a gente começou a conversar. Eu sempre fui meio safadinha, né, eu queria já dar um beijo nele, daí ele: “Não, Ester, não pode. Vamos fazer certinho para que Deus venha a honrar nosso namoro. Mas isso só depois que eu pedir para tua mãe”. E eu: “Ah [nome do namorado]! Tá, daí a gente foi conversando, daí ele vinha aqui em casa, a gente conversava, a gente foi se conhecendo. Até que, um dia, a gente saiu com a juventude, assim, a gente já estava meio que andando de mão dada, mas a gente nunca tinha ficado, nem nada. Aí a gente vinha para casa e daí eu peguei e fui dar tchau para ele, e ele pegou e me deu um beijo. E eu: “Ah!!!!”. Fiquei feliz da vida! [risadas] Daí, no outro dia ele veio aqui em casa e me pediu em namoro para minha mãe. É um namoro diferente. Porque aqui em casa a nossa vida é muito corrida, sabe. E eu não tenho o dia, que nem sábado e domingo para a gente ficar namorando aqui em casa, não! A gente namora no meio da igreja, no meio dos jovens, no meio das crianças, no meio da minha família, na praça. (Ester, 20 anos, Canudos, 2012)

A narrativa faz menção à construção de postura diante da fé que deve visibilizar diferença nas formas como os jovens se portam em suas relações de amizades e afetividades em conformidade a valores éticos e morais da crença. É possível observar nos registros de campo que a vigilância, sobretudo em relação às jovens, não cessa até o casamento, procurando mantê-las sempre acompanhadas de um responsável nos espaços de convivibilidade.

Em Campo Bom, tem a praça que é mais bonita pra tu ir com o pessoal, aquela que tu conhece. Aqui em Novo Hamburgo, não tem uma praça assim pra gente reunir todo mundo, porque eu acho Campo Bom mais seguro que aqui, né. Lá tem praça, tem banco para sentar, tem iluminação. Aqui em Novo Hamburgo, a nossa praça é, assim, decaída. Lá é um point. Daí, à meia-noite, começam os jovens a ir para lá, dos outros setores, daí tu encontra quase todo mundo lá. Os guris, minha mãe vai de carro, se não o nosso líder de jovens vai junto, daí ele dá carona também. O pai e a mãe vão sempre junto, mas, assim, de pais não vai muito, vai só os nossos. Só os líderes para cuidar, né. Que nem agora, eu tenho namorado, daí eu vou com ele também. (Ester, 20 anos, Canudos, 2012)

“Andar por aí de bobeira”, sem maiores vigilâncias, ocorre principalmente durante o dia, sobretudo para os mais jovens que não apresentam compromissos de trabalho num “vai-e-vem” pelas ruas, nas conversas pelas escadarias e esquinas, à sombra das árvores nos trajetos de casa para a escola durante a semana. Nos interstícios dos cultos, sobretudo aos finais de semana, a noite parece trazer outras preocupações que acabam interferindo nos espaços percorridos pelos jovens, o que envolve negociações familiares, orientações da igreja e as relações estabelecidas com os espaços da cidade.

Recorrentemente se menciona a ausência de espaços seguros na cidade, o que justifica os itinerários traçados na busca de diversão, remetendo ao ficar juntos na casa de amigos ou nos espaços da cidade vizinha de Campo Bom, como a praça. Isso está diretamente relacionado ao modo como o medo da violência é presente no cotidiano das cidades e assombra as formas de vivenciar a condição juvenil, sobremaneira em lugares das periferias, reconhecidos como perigosos, a exemplo de Canudos.

Transitar pela cidade em seus encontros e agregações volta-se ao próprio bairro durante o dia, aos arredores da escola e da igreja, sobretudo para os mais jovens, estendendo-se a outras possibilidades, especialmente no caso dos mais velhos, que têm maior mobilidade de transitar entre diferentes lugares, inclusive à noite. As escolhas encontram-se muitas vezes limitadas pelo horário, dia da semana, condições do tempo, disponibilidade financeira e, em muitos casos, negociações familiares. Mas se entrecruzam no seguinte consenso: “é muito difícil ir para a igreja e voltar direto para casa”.

Os itinerários variam desde a ida a casas de amigos para ver filmes, escutar músicas, “jogar conversa fora”, até idas a lanchonetes, sorveterias, pizzarias, entre tantos outros lugares silenciados ou apenas suspeitados. Ficar entre amigos em casa aparece, por vezes, como opção limitada pelas negociações familiares, quando a “corda encurta” ou o dinheiro não é suficiente. As opções mostram-se mais abertas aos finais de semana, já que a maioria dos jovens da pesquisa estuda e/ou trabalha durante toda a semana, conseguindo tempo e recursos financeiros suficientes para o lazer e consumo. Trata-se de realidade presente entre muitos jovens brasileiros que somente conseguem vivenciar a condição juvenil porque trabalham, conforme permite compreender Dayrell (2007).

Experimental, ser portador da condição juvenil, foi algo recorrentemente evocado pelos jovens da pesquisa, o que encontra limites ainda aos interditos da igreja a determinadas vivências consideradas não condizentes com o modo de vida ensejado para aquele que segue a Cristo. Assim, determinados espaços de agregação juvenil são expressamente proibidos pela instituição por serem considerados propulsores de posturas inconsistentes com a crença. Entende-se que as vivências em espaços como “baladas” expõem os jovens cristãos a experiências consideradas promíscuas: relações casuais do “ficar”, “pegar” e “curtir” – por vezes envolvendo experiências mais intensas e expressamente proibidas na religião, como sexo antes do casamento.

É notória a potência que os espaços noturnos destinados ao público jovem assumem nas grandes cidades, inclusive no âmbito religioso, por meio de investimentos de denominações eclesiais e paraeclesiais. No entanto, disso não podemos depreender que todos os jovens necessariamente ensejem fazer parte de vivências experimentadas em festas noturnas, escapando de interdições e controles da igreja e família. Muitos jovens da pesquisa destacam outros itinerários de lazer, permitindo afirmar que, para serem *portadores da condição juvenil*, não necessitam divergir das normatizações da crença. Afinal, evitar riscos de desvio é uma das formas adotadas para se manterem *portadores da promessa de salvação*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação objetivou analisar como se constituem sujeitos-jovens assembleianos e, para tanto, operou a partir de dois eixos centrais: investimentos institucionais da igreja e da família na condução de sujeitos marcadamente assembleianos; e investimentos dos próprios sujeitos sobre si – o que pode ocorrer de diferentes formas, mas incide sobre duas trajetórias, *crescer no Evangelho* ou se *converter ao longo da vida*.

Ao percorrer as trajetórias desses sujeitos, passamos a observar a recorrente evocação às trajetórias de migração e conversão das gerações antecessoras como responsáveis tanto pelo crescimento do bairro como da igreja, que se articula ao movimento de missão. Argumentamos que esse movimento fundamentado na ordem bíblica “Ide e profetizai” multiplica a capacidade de crescimento das igrejas evangélicas ao estender a cada novo converso a missão de evangelização.

Assim, há forte investimento na condução de sujeitos capazes de vivenciar os ensinamentos bíblicos em suas vidas, seja pela forte preocupação com a apropriação da Palavra, seja no modo como cada um a visibiliza em sua vida. Os diversos espaços de educação investem na constituição de sujeitos capazes de “marcar a diferença” perante o mundo, nos seus modos de se portar e em suas palavras, visibilizando *as marcas da promessa da salvação*.

Trata-se de processos de reafirmação de mesmidade a partir da normalização de formas de ser, estar e conviver no mundo produzidas e reguladas pelos valores éticos e morais da crença. Esse fenômeno, por sua vez, não se configura como um “viver a parte”, ao contrário: procura-se constituir jovens atuantes no projeto de missão da igreja nos diferentes âmbitos sociais do cotidiano, visibilizados no imenso potencial de crescimento das igrejas.

É possível afirmar que, por meio do imperativo bíblico “Ide e pregai o Evangelho”, os diferentes espaços de educação colocam em circulação discursos e práticas que adotam estratégia circular de condução. Por um lado, operam na condução dos sujeitos levando-os a assumir Jesus como Salvador, nesse sentido, implicando em constantes práticas de reativação da fé. Por outro, mobilizam o jovem a conduzir a si mesmo e, ainda, ser instrumento de condução de demais jovens, estendendo sua experiência com a crença.

Ao mesmo tempo que buscam se manter portadores da promessa da salvação, os jovens assumem outros sentidos a suas vivências imbricadas na crença e interpeladas por instâncias que também educam, o que se observa na constante tensão da igreja e da família no papel de educação dos jovens, numa espécie de *jogo de cordas*, como permite entender Pais (2012, grifo nosso). No caso investigado da Assembleia de Deus, evoca-se o papel de uma identidade centenária como forma de sustentar parâmetros socialmente construídos ao longo de sua história trazendo implicâncias nos modos de se portar. Concomitantemente foi possível observar a *pressão* exercida pelas novas gerações de fiéis que trazem mudanças à instituição, afinal, como eles mesmos definem: “a gente é jovem!”. Ou seja, partilham experiências comuns a sua geração, entre as quais a diversão foi reiteradamente evocada.

Foram presentes tensionamentos gerados pelas diferentes alternativas de diversão que se colocam à disposição dos jovens, inclusive diante de um movimento cultural evangélico que passa a articular o universo estético e comportamental às mensagens religiosas, tornando a juventude um dos principais *fronts* de atuação do conversionismo religioso.

Nesse cenário, é possível inferir que há reconfigurações na constituição dos sujeitos na contemporaneidade, percebidas nos modos de pertencimento e nos sentidos de vivenciar a condição de ser evangélico, o que não remete a formas de resistência juvenil, mas a novos modos de existência evocados pela condição de ser/estar jovem, afinal, ao mesmo tempo que buscam se *manter portadores da promessa de salvação*, os jovens ensinam ser *portadores da condição juvenil*.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FAVERO, Osmar *et al.*(Org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPEd, 2007. p. 73-90. (Coleção Educação para Todos)
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 139-157.
- ALVES, Maria de Fátima Paz. **Um/Uma jovem separado/a no “Mundo”**: igreja, juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da Assembléia de Deus em Recife-PE. Pernambuco, 2009. 317 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.
- BLANES, Ruy Llera. **Os aleluias**: ciganos evangélicos e música. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia y cultura**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (CNCA- Grijalbo), 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Cultura da performatividade, *expertise* e os desencaixes da escola contemporânea. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). **Estudos Culturais e Educação**: desafios atuais. Canoas-RS: ULBRA, 2012. p. 157-171.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1.105-1.128, out. 2007.
- FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA, Carles; CANGAS, Yanko Gonzáles (Org.). **Jovens da América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 251-327.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. *et al.* **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

- GARBIN, Elisabete Maria. *Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 119-135, maio-ago., 2003.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Cultura, poder e educação**: um debate sobre Estudos Culturais em educação. Canoas: Ulbra, 2006.
- GARBIN, Elisabete Maria; AZEVEDO, Daniela Medeiros; DALMORO, Marília. Culturas Juvenis: (des)ordenamentos e (des)encaixes nos currículos escolares contemporâneos. In: TRAVERSINI, Clarice Salette [et al.]. **Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUC, 2013.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. **Nos chats do Senhor**: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro. Porto Alegre, 2000. 280 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MAFRA, Clara. **Na posse da Palavra**: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La construcción social de la condición de la juventud. In: CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L.; VALDERRAMA, C. E. H. (Ed.). **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Fundación Universidad Central, Paidós, 1998. p. 3-21.
- MARIANO, Ricardo. A expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.
- MEYER, Dagmar Estermann. **Teorias e políticas de gênero**: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista brasileira de enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61854/000455330.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vicent (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ORO, A. P. O Espírito Santo e o pentecostalismo. In: HACKMANN, G. (Org.). **O Espírito Santo e a teologia hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 135-155.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.
- PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: Ambar, 2006.
- PAIS, José Machado. **Sexualidade e afectos juvenis**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. **A marca da promessa**: culturas juvenis assembleinas. Porto Alegre, 2014. 427 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.
- REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio – breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio/jun./ago. 2003.
- SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Juventude e escolarização** (1980 – 1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, 7)

SPÓSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre jovens na pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. v. 1.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzchianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-34.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-69.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Org.). **Culturais jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WELLER, Wivian. A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis. In: COSTA, Marcia Regina da; SILVA, Elisabeth Murilho da (Org.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006. p. 111-148.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 45-67.

NOTAS

¹ Margulis e Urresti (1996) argumentam que tal afirmação de Bourdieu parece enaltecer a condição de signo da juventude, esclarecendo que o sociólogo também apresenta o caráter polissêmico da palavra conforme o contexto em que está inserida.

² Segundo os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 1991 e 2000, houve aumento no número de evangélicos de 80% em todo o Brasil, comparando-se os dados. Em 1991, 8,5% da população se definiam evangélicos, e, em 2000, 15,4%. A continuidade do avanço evangélico foi confirmada no último censo de 2010, o qual revela que 22,2% da população brasileira se declararam evangélicos, o que representa aumento de 6,8% em relação ao censo de 2000.

³ Na trajetória da pesquisa, tornou-se fundamental andar nos rastros desses sujeitos, como nos inspira País (2003), procurando investigar modos de vida, pertencimentos, significados, por meio de eventos e rituais em que a vida passa a adquirir sentido. Assim, justifica-se a pertinência da inserção etnográfica junto a jovens assembleianos nas observações em espaços institucionais religiosos, bem como nas perambulações em seus interstícios (arredores das igrejas, escadarias, praças, lanchonetes).

⁴ REVISTA JUNIORES, Rio de Janeiro: CPAD, 2003 a 2007. 64 p.

⁵ O desenho da própria família foi ilustrado por Fabiana, nove anos, ao final da aula na classe Juniores da Escola Bíblica Dominical do ano de 2007, em sua respectiva revista, cedida posteriormente para pesquisa. Aos 15 anos, já estava atuando como auxiliar da professora no mesmo espaço de estudos bíblicos destinados a crianças.

⁶ O batismo remete ao renascimento pela fé, ponto crucial de viragem na vida assembleiana em que ritualmente o batizado firma compromisso com a comunidade, assumindo novas responsabilidades, razão pela qual muitas vezes o batizado é protelado pelo jovem. Para maiores informações, ver Prates (2014).

⁷Tanto para jovens convertidos como para aqueles que cresceram em famílias evangélicas, toda conduta moral e ética não condizente com os valores da crença é definida como conduta de desvio.

⁸Para aprofundamento, ver Prates (2014).

⁹Antônio, Corneto, Nutrishake e Kiko são lugares frequentados pelos jovens, referindo-se a lanchonetes e sorveterias, todos localizados no município de Campo Bom.

¹⁰Ainda que não seja objeto do presente artigo, destaca-se a importância de análises sobre culturas juvenis que permitam problematizar suas descrições e narrativas com especial atenção às questões de gênero e as relações de poder que as perpassam (WELLER, 2006).

¹¹Refere-se a experimentações afetivas marcadas pela provisoriidade, descartando-se compromissos e necessidade prévia de conhecer o(s) parceiro(s), podendo ou não envolver experimentações sexuais.

Submetido: 30/05/2016

Aprovado: 23/03/2017

Contato:

Daniela Medeiros de Azevedo Prates
Rua General Balbão, 81 - Bairro Centro
Charqueadas | RS | Brasil
CEP 96.745-000
Telefones (51) 3658-3775
(51) 3658-3602